



ORIENTAÇÃO SEXUAL ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS: DA INDIVIDUALIDADE À REFLEXÃO DA PRÁTICA DOCENTE

Yuri Cavaleiro de Macêdo Coelho

Biólogo. Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) e Doutorando em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: yuricoelhos15@hotmail.com.

Sinaida Maria Vasconcelos

Bióloga e Professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). E-mail: sinaida@uepa.br.

Resumo: A sexualidade humana é um tema cercado de dúvidas e tabus. Por isso, salienta-se a necessidade da inserção do tema, na formação inicial de educadores. Diante disto, investigaram-se, através de uma articulação didática sobre o tema, as percepções, vivências e perspectivas relacionadas à sexualidade, na formação individual e escolar-universitária de futuros professores de ciências. O trabalho empírico envolveu a coleta de dados baseada nas respostas fornecidas pelos acadêmicos a um questionário inicial e nos pontos de vista profissional e pessoal manifestados frente a situações-problemas hipotéticas apresentadas em um debate. As análises e discussão dos dados possibilitaram identificar equívocos na concepção de práticas educacionais que objetivam trabalhar a sexualidade na escola, evidenciando que se deve atribuir maior importância à reflexão da sexualidade, durante o período de formação desses profissionais. Os dados também sugerem que as experiências pessoais e possíveis posicionamentos profissionais dos graduandos se comportam de maneira interdependente e complementar. Registra-se, por fim, que o processo de formação docente como orientador sexual ainda é deficitário, uma vez que os debates dessas temáticas são pouco presentes em disciplinas do currículo tradicional e/ou, muitas vezes, discutidas sob uma perspectiva que distancia a dimensão humana, dialógica, moral e cultural, intrínsecas à sexualidade.

Palavras-Chave: Educação Sexual. Transversalidade. Formação Docente.

SEXUAL SCHOOL ORIENTATION AND THE TRAINING OF SCIENCE TEACHERS: FROM INDIVIDUALITY TO THE REFLECTION OF TEACHING PRACTICE

POLÊM!CA

LABORÉ



Polêmica - Revista Eletrônica da Uerj - Rua São Francisco Xavier, 524, 1º andar

bloco D, sl.1001 • Tels.: +55 21 2334-4088 / 4087 • <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/index>
<http://www.labore.uerj.br> • laboreuerj@yahoo.com.br

Abstract: Human sexuality is a subject surrounded by doubts and taboos. Therefore, the need to insert the theme is emphasized in the initial formation of educators. Thus, the aim of this study was to investigate, through a didactic articulation on the subject, the perceptions, experiences and perspectives related to sexuality, in the individual and university-college education of future science teachers. The empirical work involved data collection based on the answers provided by the academics to an initial questionnaire and on the professional and personal points of view expressed in the hypothetical problem situations presented in a debate. The data made it possible to identify misconceptions in the conception of educational practices that aim to work sexuality at school, showing that greater importance should be given to the reflection of sexuality during the period of training of these professionals. The data also suggest that undergraduates' personal experiences and possible professional positions behave in an interdependent and complementary manner. Finally, it is noted that the process of teacher education as a sexual advisor is still deficient, since the debates on these themes are rarely present in traditional curriculum subjects and/or often discussed from a perspective that distances the dimension human, dialogical, moral and cultural, intrinsic to sexuality.

Keywords: Sexual Education. Transversality. Teacher Training.

Introdução

Os adjetivos que permeiam as questões sexuais envolvem a sociedade no misticismo de que é algo sujo, feio e vergonhoso. A temática traz uma atmosfera polêmica que pode levar a discussões que alguns pais podem não saber nortear, pois educam fortemente influenciados pela sua própria criação conservadora, em que falar sobre sexo e sexualidade era tabu quase que absoluto. Assim, limitam-se a conversas vazias, superficiais e alheias às necessidades dos adolescentes (NERY *et al.*, 2015). Com a falta de diálogo e a própria timidez de falar sobre sexualidade no seio familiar, jovens e adolescentes estabelecem relações sociais, e até mesmo sexuais, repletos de dúvidas, curiosidades e angústias, num contexto típico de desamparo.

Segundo dados do último boletim epidemiológico do Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, elaborado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2015), observa-se aumento significativo no índice de jovens com faixa etária de 15 a 24 anos portadores da infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV, do inglês, *Human Immunodeficiency Virus*), tanto em homens quanto em mulheres. Em análise do comparativo da mesma pesquisa, conclui-se também que quanto menor o grau de escolaridade do indivíduo, maior o percentual de portadores do vírus. Esse e outros estudos relacionados a problemáticas sexuais permitem perceber um quadro emergente de problemas éticos e de saúde pública, em que os espaços escolares despontam como local de conscientização e promoção de saúde (ALTMANN, 2003).

As influências externas, as dúvidas pessoais e o contato com outros jovens se associam no contexto escolar e tornam a sexualidade e insinuações neste âmbito mais evidentes. Assim, com pais e filhos limitados, conversas censuradas, a influência das mídias e alta incidência de ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), entre jovens e adolescentes, recai sobre a escola

e aos profissionais de saúde a responsabilidade de abordar questões relacionadas a sexo e sexualidade (ZOCCA *et al.*, 2015).

Em contrapartida, estudos realizados com adolescentes em escolas públicas e privadas mostram que seus conhecimentos acerca da sexualidade ainda são insuficientes (CARNEIRO *et al.*, 2015; COELHO *et al.*, 2018). Neste sentido, Rolim *et al.* (2016) concluem que a implementação de programas de orientação/educação sexual nas escolas e nos serviços de saúde à disposição dos adolescentes é urgente.

Os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs) propõem que seja incorporado, na prática educacional, o debate de temas transversais, sendo a Orientação Sexual um deles, para abordar assuntos que promovam desenvolvimento intelectual aliado à inserção de questões relevantes e presentes, de inúmeras formas, no cotidiano do aluno. Para Spíndola (2017, p. 2) "os temas transversais são conceitos e valores indispensáveis à democracia e à formação de bons cidadãos, [...] são questões que trazem debates da nossa sociedade atual".

Segundo Pereira-Ferreira e Meireles (2015, p. 277) "a transversalidade busca ampliar e adequar conteúdos que se mostram fragmentados pelo tratamento disciplinar do ensino, reintegrando-os ao cotidiano". Os temas transversais surgem para superar os preceitos de aprendizagem apenas pela obrigatoriedade do ensino e vêm integrar e dar sentido social aos conteúdos das diferentes áreas do conhecimento.

Todavia, as instituições escolares parecem não estar aptas a suprir as necessidades dos alunos, no que diz respeito à Orientação Sexual. Muitos educadores enfrentam dificuldades na abordagem desta temática, fato muito decorrente da maneira como estes foram formados. Figueiró (2006, p. 92) afirma que a "[...] sexualidade é uma das questões que mais tem trazido dificuldades, problemas e desafios aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar". Desta forma, o olhar humano e social que este e outros temas transversais exigem são tratados de forma vazia de significado.

Silva e Santos (2011) orientam para "uma formação voltada para o sentido amplo da sexualidade, de forma a abranger todas as questões, extrapolando as influências do contexto cultural e biológico". Desta forma, é ideal que nos cursos de pedagogia e licenciatura o graduando tenha vivências nas modalidades de ensino; acesso às metodologias e técnicas de construção de conhecimento e avaliação; além do contato direto com a realidade escolar. Entretanto, uma grande dificuldade enfrentada pelos cursos de formação de professores se

evidencia com ligeiro distanciamento da prática e excesso de teorização do conhecimento. Como reflexo disso, cada dia mais professores saem da graduação com pensamentos semelhantes àqueles que os prepararam e, acima de tudo, alheios ao cenário educacional atual, viciando um ciclo falho que ocasiona, em grande parte, um processo de defasagem profissional (SCHEIBE, 2006).

Zocco *et al.* (2015) defendem que pais e professores precisam lidar com suas sexualidades com naturalidade, para refletir sobre o assunto e saber a melhor forma e momento para ajudar seus filhos ou alunos de maneira mais saudável e esclarecedora. É necessário, então, que professores aumentem a confiança em si mesmos e conheçam seu papel sexual para que possam lidar com preconceitos, obter conhecimentos sobre as dimensões biológicas, psicológicas, sociais, morais e políticas que permeiam a sexualidade humana, entender diversidades e representatividades e desenvolver habilidades para abordar tais questões no chão da escola (NOGUEIRA *et al.*, 2016).

Urge, portanto, uma formação docente pautada na compreensão de respeito ao outro, que estimule o professor a traçar perspectivas otimistas para a promoção do respeito às diversidades em suas aulas (BELTRÃO; BARROS, 2017), bem como comportamentos sexuais saudáveis. A partir desse ponto de vista, defende-se que uma formação docente que desperte o interesse do licenciando às questões sexuais de si mesmo e do outro, buscando sensibilizar e informar, tem potencial para transformá-lo em mediador/aconselhador do/no processo de construção da maturidade sexual de seus futuros alunos.

Recomenda-se que a construção da identidade docente seja alicerçada na compreensão da escola como um espaço de crítica sobre a sexualidade e laboratório das novas significações e vivências, em prol de afastar a orientação sexual da maneira superficial, empirista, biologistica e informativa que vêm sendo aplicada há décadas (NUNES, 1997). Beltrão e Barros (2017) citam como item fundamental da prática docente relacionada à sexualidade “o diálogo construído na troca de saberes entre professor e aluno, aluno e aluno e comunidade escolar em geral” (p. 338), na perspectiva de uma educação mais humanizada e emancipatória.

Partindo desses pressupostos, este estudo tem como objetivo geral investigar as percepções, vivências e perspectivas relacionadas à sexualidade, na formação individual e escolar-universitária de futuros professores de ciências, como estratégia de valorização da

abordagem destes temas na construção humana e social de alunos de educação básica e, também, como melhoria da qualidade da formação de professores.

Materiais e métodos

A pesquisa desenvolvida é classificada como descritiva e de campo, pois se observou e analisou os fatos no/do ambiente real, com o objetivo de interpretar, compreender e explicar os fatos de maneira mais racional possível (VERGARA, 2000). O alcance da análise proposta restringiu-se ao Curso de Licenciatura Plena em Ciências Naturais, da Universidade do Estado do Pará. A escolha se deu pelo fato de que a UEPA oferta cursos de formação acadêmica de professores há mais de 22 anos, desenvolvendo ações de ensino, pesquisa e extensão nas áreas da Saúde, da Educação e da Tecnologia.

O curso de Licenciatura Plena em Ciências Naturais – habilitações Química, Física e Biologia – foi escolhido dentre os demais, pois os conteúdos que são ministrados nas escolas de educação básica pelos professores graduados nesta disciplina e afins estão mais relacionados às temáticas sexuais e à discussão da sexualidade.

Desenvolveu-se esta pesquisa com amostragens quantitativamente distintas a depender da ação executada, pois 16 alunos responderam o questionário inicial e 22 participaram do debate. Os discentes foram investigados na qualidade de professores em formação para reflexão da prática docente e da construção individual de conceitos relacionados à orientação sexual escolar. Todos os graduandos consultados estavam regularmente matriculados no terceiro semestre do curso de Licenciatura em Ciências Naturais com habilitação em Química, com faixa etária entre dezoito e vinte e três anos. Os instrumentos utilizados foram realizados junto a esta turma por estarem cursando a disciplina de Temas de Biologia II, pois a temática abordada neste estudo integra a sua ementa.

A coleta de dados ocorreu em etapas articuladas entre si, seguindo a lógica dos estudos de natureza descritiva de abordagem qualitativa, no intuito de alcançar os objetivos definidos e responder a questão-problema.

No primeiro encontro com os graduandos, solicitou-se que respondessem a um questionário elaborado, para que os sujeitos pudessem expressar seus conhecimentos a respeito da orientação sexual na escola, obter informações acerca do processo de formação, interesse, conhecimento e desenvolvimento prático de atividades voltadas à sexualidade na vivência

escolar básica e universitária e na compreensão da realidade do cotidiano escolar. Para preservar os aspectos éticos que envolvam pesquisa com seres humanos, foi apresentado e explicado aos sujeitos deste estudo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esta investigação científica está de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos, Resolução – CNS 466/12.

No intuito de analisar o posicionamento de futuros professores quanto à concepção de sexualidade individual e da prática profissional, após a aplicação do questionário, iniciou-se a pesquisa-ação com o desenvolvimento de procedimentos metodologicamente distintos, mas que buscavam essencialmente trabalhar duas óticas na abordagem da Orientação Sexual na Escola, o técnico/biológico e o humanista/emancipatório. Aplicaram-se dinâmicas de interação para maior entrosamento entre pesquisadores e licenciandos, tais como: a discussão para definir e distinguir amor e sexo e a apresentação dos mais variados tipos de camisinha. Além disso, realizaram-se palestras e seminários com a explanação dos mais diversos assuntos que abordam questões sexuais como: sistemas reprodutores, Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), embriologia e métodos contraceptivos, priorizando a participação ativa do público ouvinte através de perguntas, relatos e contribuições gerais a respeito dos temas abordados.

Por fim, para propiciar maior diálogo com os estudantes e verificar possíveis condutas futuras em seus campos de trabalho, houve um debate intitulado 'Sexo Oral', o qual envolveu a exposição de casos (Quadro 1), em que os professores em formação puderam manifestar suas ações pessoais e seus posicionamentos profissionais, como professores, frente a possíveis situações de caráter sexual caso um aluno lhe fizesse um relato tal qual o exposto no caso. Escolheu-se este método uma vez que, segundo Altarugio, Diniz e Locatelli (2010, p. 26), "[...] o movimento da troca de ideias e da construção de conhecimentos é reforçado durante um debate e, desse modo, os alunos têm a chance de compreender melhor o caráter coletivo e dinâmico do trabalho científico". O registro das respostas durante a atividade foi realizado através de anotações sucintas efetuadas pelos próprios graduandos em fichas entregues no início da atividade, bem como anotações de relatos e comportamentos dos licenciandos, durante e após a intervenção, em caderno de campo pelos pesquisadores.

Quadro – 1: Numeração e descrição dos casos exposto no debate

| NÚMERO DO CASO | DESCRIÇÃO |
|-----------------------|--|
| 1 | Você conheceu uma pessoa em um aplicativo de relacionamento online. Começam a namorar e, como a grande maioria dos casais, tinham relações sexuais frequentes e, sempre, com uso de preservativo. Em um determinado dia, o seu parceiro(a) tenta lhe convencer a não usar a prevenção. |
| 2 | Você namora uma pessoa há 6 meses. Durante todo este tempo, brigas e infidelidade não fazem parte da rotina de seu relacionamento. Em um determinado dia, seu(sua) parceiro(a) lhe conta que possui o vírus HIV, mas que realiza o tratamento corretamente e sempre tomou todos os cuidados necessários para que você não se infectasse. |
| 3 | Solteiro(a), com 18 anos de idade, você começa a ir todos os fins de semana a festas e consumir bebidas alcoólicas com bastante frequência. Em uma dessas noites, você sai com uma pessoa e se relaciona sexualmente. Tempos depois, você descobre que está grávida (ou engravidou a sua parceira). |
| 4 | Você está em um relacionamento sério há algum tempo. De uns tempos para cá, você começa a perceber que não está conseguindo chegar ao orgasmo com seu namorado(a), mas consegue sozinho(a). |
| 5 | Você percebe que desde a sua primeira infância, você manifesta interesse por pessoas do mesmo sexo, em paixões por coleguinhas de classe ou admiração por professores da mesma identidade de gênero. Na adolescência sua orientação sexual eclode e você começa a se relacionar homossexualmente. Contudo, sua família está moldada em um viés bastante conservador. |
| 6 | Você está em plena vida sexualmente ativa, sem parceiro(a) fixo e costuma se relacionar sem preservativo. Decide ir ao médico que, com seu relato, resolve lhe prescrever todos os exames de análise infecciosa. Você realiza todos os exames. No resultado, você descobre que é HIV positivo. |

Fonte: Os autores, 2019.

Os dados coletados foram submetidos à análise, utilizando-se a técnica da análise do conteúdo (BARDIN, 2011). A análise de conteúdo é definida por Bardin (2011, p. 42) como:

Um conjunto de técnicas das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Dessa forma, o fato da análise de conteúdo apresentar essa propriedade – análise quantitativa e qualitativa que possibilita inferir conhecimentos que dizem respeito ao processo de produção e/ou recepção das comunicações – justifica a opção por essa técnica, permitindo alcançar os objetivos a que se propõe o presente trabalho.

Resultados e discussão

Apresentam-se, a seguir, os resultados obtidos e a respectiva análise, de acordo com os dados coletados em campo, através das metodologias expostas. Realizou-se esta pesquisa com amostragens distintas, a depender da etapa desenvolvida, uma vez que 16 alunos responderam o questionário inicial (55% mulheres; 45% homens) e 22 participaram do debate (60% sexo feminino e 40% do masculino), na faixa etária que compreende dos 18 aos 23 anos. Nesta análise, buscou-se interpretar os fenômenos e atribuir significados a estes de forma coerente com a realidade observada, por meio da análise de resultados com a definição de categorias extraídas das respostas ao questionário e das percepções e relatos durante o debate, expressos a seguir nos tópicos “Conteúdos e Abordagens de Orientação Sexual na Escola: vivências e perspectivas” e “Cenário da Formação de Orientadores Sexuais: do ponto de vista pessoal à prática profissional”, respectivamente.

Conteúdos e abordagens de Orientação Sexual na Escola: vivências e perspectivas

Identificou-se que 68% dos alunos (dentre os 16 que responderam ao questionário inicial) tiveram contato poucas vezes com as temáticas sexuais durante o Ensino Fundamental e Médio. Entretanto, os dados ficam mais preocupantes quando se constata que 26% dos graduandos não tiveram nenhum contato com o debate da sexualidade no Ensino Fundamental. Somente 6% destes alegaram ter contato muitas vezes com o assunto no referido período escolar. Contudo, no ensino médio, os dados se invertem, 26% afirmam que a abordagem sexual foi realizada muitas vezes, e 6% relatam não ter recebido nenhum tipo de informação a respeito do assunto.

A partir desses dados, observa-se que ainda existem muitos entraves no diálogo da sexualidade, no ambiente escolar com crianças e adolescentes. Este fato revela uma deficiência relevante quanto ao planejamento educacional de muitas escolas. O indivíduo vivencia transformações em seu próprio corpo continuamente, porém, essas mudanças por vezes chegam repletas de dúvidas que, na maioria dos casos, pouco são discutidas pela escola, que fica alheia a este processo. De acordo com Esteves (2007), é dever da escola preocupar-se que a criança atinja a puberdade sem a erotização precoce e esclarecimento de suas dúvidas. No entanto, é certo que a formação da identidade sexual dos indivíduos não se restringe somente ao espaço

escolar, mas a presença neste se faz extremamente relevante, ou seja, é uma obrigação que também é da escola.

O índice mais positivo no Ensino Médio é explicitado em decorrência da grade curricular tradicional, a qual tem conteúdos relacionados à temática sexual, como: reprodução, embriologia, IST's etc., mas, como afirma os PCNs, este tipo de trabalho "[...] normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade" (BRASIL, 1998, p. 292).

O Ensino Médio é o período em que a escola vivencia uma maior necessidade de que os assuntos voltados à sexualidade sejam discutidos mais profundamente e de forma diferenciada, haja vista que a faixa etária em que estão a maioria dos estudantes, normalmente, é aquela que há grandes mudanças corporais, influências comportamentais, curiosidades, primeiras experiências sexuais e, por vezes, vivência de casos de gravidez dentro do próprio ambiente escolar.

Quando perguntados sobre quais metodologias eram ofertadas pela escola para abordagem de sexo e sexualidade durante a educação básica, 74% dos graduandos responderam que o assunto era tratado pelos professores em aulas expositivas dialogadas, palestras e/ou seminários; 18% afirmaram que a escola oferecia cartilhas, debates e/ou rodas de conversa sobre o tema; e 8% relataram que nenhuma metodologia foi utilizada e as conversas sobre as temáticas sexuais eram limitadas ou aconteciam de forma indireta.

Tais dados permitem sinalizar a deficiência na formação inicial e continuada de grande parte dos professores e equipe escolar técnica, devido ao pouco interesse no debate da sexualidade, como explicitado acima, o que vai ao encontro com as ideias de Bonfim (2009). Diante do exposto, a aproximação mais comum da orientação sexual na escola ocorre através de forma impessoal e técnica, de aspecto informativo, biologizante e repressivo às manifestações da sexualidade (JARDIM; BRETAS, 2006), ou, mais grave ainda, nem dessas formas.

Todavia, ainda que de pouca expressividade, constatou-se que existem escolas a dedicar tempo e trabalho para orientar sexualmente seus alunos, por meio de métodos simples, integradores e emancipatórios, que podem acarretar em resultados satisfatórios à prevenção, alerta e auxílio aos seus alunos, ao favorecerem a livre conversa sobre sexualidade. De acordo

com os mesmos autores supracitados, "as relações intersubjetivas têm mais influência que o simples repasse de informações aos adolescentes" (JARDIM; BRETAS, 2006, p. 160).

No intuito de verificar a prática escolar dos PCNs, no que diz respeito à abordagem da sexualidade como um tema transversal, perguntou-se aos graduandos quais disciplinas se valiam de metodologias para promover orientação sexual. Pouco mais da metade, 54% dos alunos, afirmaram que a abordagem ocorre através das Ciências, no Ensino Fundamental, e Biologia, no Ensino Médio. Com menor frequência, foram citadas as disciplinas: Sociologia (18%), História (12%) e Português (8%). Vale considerar que 8% dos graduandos alegaram que nenhuma disciplina abordou as temáticas sexuais durante o seu curso na educação básica, em coerência com as respostas acima expostas.

Assim, observa-se que o debate sexual escolar ainda está fortemente ligado aos professores das Ciências da Natureza, reflexo da realidade encontrada em grande parte das escolas, a qual os professores estão cada vez mais restritos a apresentar e discutir assuntos específicos a suas áreas do conhecimento. Este dado só fomenta a ideia de que os professores não recebem ou buscam formação necessária sobre orientação sexual, e com isso limitam-se. O texto apresentado pelos PCNs mostra a importância da transversalidade no diálogo das temáticas sexuais na escola, quando cita que

as ideias e concepções veiculadas pelas diferentes áreas (língua portuguesa, matemática, ciências naturais, história, geografia, arte e educação física) contribuem para a construção da visão do corpo por meio da explicitação das dimensões da sexualidade nos seus conteúdos (BRASIL, 1998, p. 129).

Ao citar outras disciplinas, os alunos investigados certamente lembraram-se de situações marcantes que vivenciaram relacionadas à discussão da sexualidade em suas diversas vertentes, uma vez que no estudo de sociologia, por exemplo, as relações sociais que regem a sexualidade das pessoas se distancia do aspecto anatômico e fisiológico retratado pela Biologia. Afinal, é válido que o indivíduo tenha contato com diferentes abordagens de uma mesma temática. Isto corrobora a ideia de que a orientação sexual é um trabalho que pode ser realizado por professores de qualquer disciplina e em diferentes momentos, pois é um tema transversal que atravessa fronteiras disciplinares (JARDIM; BRETAS, 2006).

Quanto aos alunos que responderam que nenhuma das disciplinas da educação básica dedicaram carga horária para orientá-los sexualmente, é possível inferir que este posicionamento pode acarretar comportamentos sexuais equivocados e, possivelmente,

aumentar os índices expressos no último boletim epidemiológico do Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais (2015), devido à falta de informação e instrução. Desta forma, é admissível dizer que as instituições educacionais que não oportunizam a orientação sexual de seus alunos estão educando-os parcialmente (FURLANI, 2007).

Os graduandos do curso de Licenciatura em Ciências Naturais - Habilitação Química também foram investigados quanto às vivências e perspectivas no ensino superior em relação à Orientação Sexual e Sexualidade. Aproximadamente 67% dos estudantes admitiram não vivenciar ou receber informações de qualquer meio relativo às temáticas sexuais e 33% afirmaram algum tipo de contato com o assunto. Justificam-se esses dados ao considerar que a população pesquisada ainda estava na fase inicial do curso (terceiro semestre), podendo ter contato com disciplinas que favoreceriam a discussão destes temas em oportunidades futuras.

Os indivíduos que declararam algum tipo de contato com questões sexuais, na universidade, alegaram que isto aconteceu através de um seminário realizado na disciplina de Psicologia da Aprendizagem. Presume-se, neste contexto que, embora todos os alunos pesquisados estivessem no mesmo período do curso, apenas uma parcela indicou o contato com as temáticas sexuais porque, provavelmente, os seus grupos ficaram responsáveis por pesquisar e apresentar sobre o tema.

Fundamenta-se a discussão e a orientação sexual na referida disciplina, posto que essa, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Naturais (UEPA, 2009), visa contribuir para a compreensão do indivíduo como ser multidimensional, contextualizado sócio historicamente, e suas implicações para o processo ensino-aprendizagem, situado no cotidiano da sala de aula. Além disso, o ato de cursar uma graduação, por si só, tem o dever de expor pessoas a experiências que oportunizem contextualizar, problematizar, investigar e debater os problemas sociais e culturais, viabilizando, com isso, o desenvolvimento de valores humanos, o potencial crítico e a consciência cidadã (SPÍNDOLA, 2017).

Apenas dois alunos (inclusos no universo dos 33%) afirmaram que, além deste contato na disciplina, participaram de palestras e mesa-redonda a respeito de orientação sexual e sexualidade.

Aluno VII: "Vivenciei e recebi informações de caráter sexual durante a disciplina Psicologia da Aprendizagem, a partir de seminários que levaram a pequenas discussões em sala e, também, em uma palestra realizada na UEPA."

Através disso, pode-se inferir que os alunos aproveitam momentos de formação estabelecidos ou não pelo currículo formal do Curso para absorver informações e debater aspectos da sexualidade. Costa (2015, p. 17) ressalta que "as vivências no ambiente universitário, não limitadas à sala de aula, refletem-se em nossa postura enquanto profissionais [...]".

Não obstante, os alunos foram unânimes em considerar que é bastante relevante a discussão de temáticas relacionadas à Orientação Sexual durante o período acadêmico, pois, como futuros professores, necessitam desenvolver a habilidade de saber abordar e nortear questões sexuais com seus alunos. Constatou-se, através dos dados, que os licenciandos julgam que o debate da sexualidade é necessário dentro da universidade, pois esclarece as dúvidas, atribui uma base teórica e os ensina a desenvolver uma conversa com os futuros alunos sobre o tema, cientes que estes, muitas vezes, não têm um momento de diálogo com seus pais sobre o tema, como exposto nas respostas a seguir:

Aluno I: "Nós, futuros professores, por vezes vamos nos deparar com questionamentos de caráter sexual nas escolas em que trabalharemos, então é muito importante ter o contato com esses assuntos desde a universidade."

Aluno VII: "A abordagem é importante porque desconstrói pensamentos e atitudes preconceituosas sobre esses assuntos [sexuais] e mostra o verdadeiro conceito e aplicações destes."

Destaca-se, então, Camargo e Ribeiro (1999, p. 50) ao citar que "os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando possibilidades do corpo e das emoções".

Identificou-se, também, uma divisão de posicionamentos dos alunos, ao definir a dimensão disciplinar que se deve atribuir à orientação sexual. A diferenciação de postura se observa no momento que uma parte dos alunos admite que a orientação sexual seja um dever que envolve os professores de todas as áreas do conhecimento, numa perspectiva transversal, como expresso no relato do Aluno VIII. E, outra parte, também significativa, destaca e coloca a responsabilidade desta discussão a cargo tão somente dos professores que ensinam ciências, assim enfatizam a necessária qualificação destes profissionais, de acordo com o exposto pelo Aluno IV. Através da visualização desta divergência de olhares, reafirma-se o elucidado por Silva e Santos (2011), quando frisa a necessidade da formação de profissionais no sentido amplo da sexualidade.

Aluno IV: "Como professor de Ciências em formação é muito importante que a abordagem da Orientação Sexual e Sexualidade ocorram na faculdade, pois estes profissionais têm o maior dever de orientar seus alunos."

Aluno VIII: "Considero que devemos receber orientação sexual e sermos formados para atuar como orientadores, porque este é um tema que deve ser debatido em todas as disciplinas durante o Ensino Fundamental e Médio."

Em referência as perspectivas relacionadas ao debate de Orientação Sexual, durante a formação profissional, os licenciandos pesquisados manifestaram ter interesse em conhecer mais sobre a temática, para saber como orientar os seus alunos, no futuro, a respeito destes assuntos. Além disso, sugeriram que ampliar as discussões sobre estes temas pode atribuir para o desenvolvimento tanto pessoal quanto profissional, tal qual evidenciado neste escrito:

Aluno IX: "Minha maior expectativa é poder desenvolver habilidades durante o ensino superior, que me permitam relacionar as diferenças comportamentais de sexuais com a realidade dos alunos, representar logicamente as diversidades e dificuldades, e poder orientar de forma clara os assuntos que despertam esta temática."

Apenas uma pequena parcela de alunos exteriorizou pouca ou nenhuma perspectiva em relação ao debate da sexualidade e orientação sexual. Isto demonstra desinteresse por parte de futuros profissionais da educação, o que pode fomentar o índice de pessoal desqualificado para orientar sexualmente crianças e adolescentes, durante o seu desenvolvimento sexual inerente à escola, em concordância com as ideias de Cury (2001 *apud* RICHIT; MALTEMPI, 2007, p. 191).

Cenário da formação de Orientadores Sexuais: do ponto de vista pessoal à prática profissional

No intuito de transpor o teor informativo de palestras e seminários, buscou-se envolver e provocar o senso comportamental dos alunos estudados, ao debater temas próprios da sexualidade humana. Na realização do debate intitulado 'Sexo Oral', os licenciandos puderam expor suas possíveis atitudes individuais e profissionais frente a alguns tópicos pertinentes à sexualidade. Nesta atividade, os alunos foram dispostos em roda pedagógica e apresentados a seis casos hipotéticos com diferentes conteúdos de cunho sexual, a saber: Caso 1 - Sexo sem preservativo; Caso 2 - Relacionamento entre HIV discordantes; Caso 3 - Gravidez ou paternidade precoce; Caso 4 - Masturbação; Caso 5 - Homossexualidade *versus* família conservadora; e Caso 6 - Descoberta de infecção por HIV (Quadro 1).

Antes de iniciar o debate, os mediadores (autores desta pesquisa) procuraram promover uma reflexão das principais diferenças entre amor e sexo, solicitando que os alunos

manifestassem as primeiras cinco palavras que melhor traduzissem estes termos. Os graduandos relacionaram ao amor as seguintes palavras: carinho, dedicação, afeto, companheirismo e respeito, já ao se referir a sexo, utilizaram: desejo, prazer, imaginação, tabu e fantasia.

Percebe-se, com base nisto, que amor e sexo são definidos de formas bastante distintas na sociedade em que se vive. De um lado o carnal, o racional e o teor prático e concreto intimamente relacionado ao sexo, do outro estão a plenitude, a idealização e a moralidade do amor. O fato é que se pensar que esses contrapontos sobrevivem em todos os seres em sua unidade, tem-se o lado mais dúbio e singular do homem, a sexualidade, conforme o conceituado por Bearzoti (1994, p. 117):

[...] sexualidade é energia vital instintiva direcionada para o prazer, passível de variações quantitativas e qualitativas, vinculada à homeostase, à afetividade, às relações sociais, às fases do desenvolvimento da libido infantil, ao erotismo, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação.

Nesta concepção, pediu-se que os alunos levassem em consideração esta abordagem inicial para nortear os posicionamentos nos casos a serem expostos, a fim de provocar a subjetividade emocional de cada um. De acordo com Ferreira (2010, p. 55), "a formação de atitudes costuma ocorrer de forma não consciente, por meio de aprendizagem condicionada ou mediante a mera exposição a estímulos vivenciados como afetivamente positivos". De antemão, é válido dizer que a execução desta atividade foi de grande proveito, pois ao analisar as respostas se identificou indícios de que as relações sociais e emocionais, de certa forma, influenciaram nos possíveis comportamentos profissionais para os casos expostos.

Com a exposição e leitura de cada um dos seis casos, levantavam-se dois questionamentos, são eles: "o que você faria?" e "qual seria o seu posicionamento ao ouvir este relato de um aluno?". As respostas para estas perguntas alicerçaram o entendimento quanto ao olhar pessoal e de possíveis comportamentos profissionais dos futuros professores pesquisados, respectivamente, em relação à sexualidade. Salienta-se que, nesta seção de análise, as transcrições das respostas dos alunos estão identificadas por letras, e não mais por números romanos como nas anteriores, a falta de correspondência se justifica na diferença quantitativa de alunos que participaram desta etapa da pesquisa.

Com a leitura e análise das respostas, verificou-se que os alunos apresentaram uma variedade de possíveis comportamentos em todas as situações expostas. Percebeu-se este fato, por exemplo, nas respostas para a situação em que um dos parceiros sugere sexo sem

preservativo (Caso 1, vide Quadro 1). Duas atitudes individuais prevaleceram, teve quem alegasse não praticar a relação sexual por conta do risco de transmissão de doenças e gravidez precoce, e aqueles que afirmaram manter o ato se tivessem confiança no parceiro ou estariam dispostos a pensar na possibilidade, desde que ambos realizassem previamente testagens para as principais ISTs.

Notou-se que a grande maioria dos licenciandos expressou os mesmos posicionamentos pessoais para também nortear um eventual diálogo com alunos que vivenciassem tal situações, como expresso nos relatos a seguir que retratam uma potencial atitude profissional relacionada ao mesmo caso destacado acima:

Aluno A - AÇÃO PROFISSIONAL: "Falaria para o aluno reagir diante da insistência e não aceitar transar sem preservativo."

Aluno B - AÇÃO PROFISSIONAL: "Aconselharia que o aluno e a parceira realizassem exames e, após os resultados, começassem a pensar em transar sem camisinha, pois também tem a questão da gravidez, né!?"

Embora a expressiva similaridade de atitudes nesse caso, não se detectou quem orientasse manter a relação sexual desprotegida, nem mesmo aqueles que se portariam em suas condutas individuais desta forma. Isto demonstra que estes futuros professores reconhecem que certas condutas pessoais necessitam ser repensadas quando levadas ao campo laboral. Com base no que pontua os PCNs (BRASIL, 1998, p. 123), “o professor deve ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas”.

Na situação hipotética sobre a descoberta do parceiro como portador do vírus HIV (Caso 2, vide Quadro 1), observou-se que os graduandos apenas saberiam aconselhar seus alunos na tomada de medidas imediatas, como fazer exames e buscar ajuda especializada com psicólogo. Não foram identificadas atitudes educacionais para orientar a possibilidade de se manter um relacionamento soro discordante, infere-se que isto está relacionado à falta de informação a respeito de medidas profiláticas para o acompanhamento do parceiro HIV negativo, como o PrEP (Profilaxia Pré-exposição), por exemplo, pois é sabido que muitos professores não têm respaldo teórico, muito menos emocional, para lidar com certas situações que envolvam sexualidade (RATO, 2012). Diante desta realidade, faz-se necessário oportunizar a professores em formação condições de ampliar e reciclar seus saberes direcionados à sexualidade, através de programas de capacitação, para se ter professores com habilidade essenciais para tratar do assunto (JARDIM; BRETAS, 2006).

Ao analisar as respostas para o caso sobre gravidez ou paternidade precoce (Caso 3, vide Quadro 1), verificou-se que o conteúdo dessas diferenciava de acordo com o sexo dos indivíduos. Mulheres afirmaram que assumiriam a responsabilidade e buscariam o apoio da família, sendo que poucas relataram que conversariam ou recorreriam ao auxílio do parceiro. Já a grande maioria dos homens informou que assumiriam a criança, após a confirmação da paternidade, mediante exame de DNA. Homens e mulheres relataram que orientariam seus alunos a práticas semelhantes a seus eventuais comportamentos particulares/individuais, pautados, sobretudo, em assumir ou reconhecer a criança e procurar amparo.

Embora sejam atitudes pertinentes, pouco se notou a preocupação dos futuros professores em orientar como devem ocorrer os acompanhamentos gestacionais, referentes ao pré-natal e à alimentação, bem como aos cuidados diferenciados inerentes à gravidez e à adolescência. Em paralelo a isso, sabe-se que a maioria dos casos de gravidez e paternidade na adolescência ocorre em jovens com nível baixo de escolaridade, desta forma ressalta-se o papel fundamental da escola em realizar Orientação Sexual, para evitar não somente nascimentos indesejados, mas, sim, muitas outras problemáticas que a falta de informação e orientação sexuais podem causar. Tais concepções estão em consonância com o expresso por Pontes *et al.* (2012, p. 58):

[...] a gravidez na adolescência requer uma interação entre família, escola e governo visando proporcionar uma melhoria na assistência às mães adolescentes e seus filhos considerando que a gravidez nessa fase da vida está diretamente relacionada a complicações obstétricas no decorrer da gestação e após o parto.

O número de novos pais e mães com pouca idade cresce absurdamente (segundo dados do Ministério da Saúde, apenas no Brasil, em 2011, 18% dos nascimentos ocorridos foram provenientes de adolescentes entre 15-19 anos), contudo, ao lançar os olhos para as sociedades globalizadas, o que também preocupa é que os sujeitos estão se relacionando entre si de forma análoga às suas relações com os objetos, isto é, de modo descartável, fugaz (PEREIRA; ROMÃO; VITALE, 2014). Observa-se relações marcadas pela efemeridade do amor e o imediatismo e a banalização do sexo, o que contribui para o aumento de casos de ISTs e demais problemáticas de saúde pública e vivência social.

Ao se debater homossexualidade com o viés conservador presente em muitas famílias (Caso 5, vide Quadro 1), identificou-se muitos posicionamentos distintos entre as concepções individuais e as orientações profissionais dos licenciandos. Ao mesmo tempo em que alguns

graduandos ocultariam da família a orientação homossexual, aconselhariam seus alunos a reconhecer sua sexualidade perante o contexto familiar, como descrito nas respostas abaixo:

Aluno C - AÇÃO PESSOAL: "Tentaria esconder ao máximo dos meus pais. Caso eles soubessem por outras pessoas, pediria para respeitar a minha orientação."

Aluno C - AÇÃO PROFISSIONAL: "Aconselharia a conversar com os pais, mesmo diante de todo conservadorismo."

Esta possível ação profissional entra em consonância com a abordagem emancipatória de atuação do professor ao debater sexualidade. Neste contexto, cabe-se evidenciar o real significado do ensino de sexualidade e orientação sexual na escola realizado, sobretudo, por professores e equipe técnica, que pode se fundamentar em Figueiró (2006, p. 67), ao frisar que esses têm como uma de suas responsabilidades "formar cidadãos críticos e amadurecidos, participantes da transformação dos valores e das normas sociais ligadas às questões sexuais, incluindo-se, nesse conjunto, a transformação das relações de gênero, a fim de assegurar a igualdade e o respeito mútuo".

Este caso, em específico, apresentou uma particularidade, pois se identificou que um dos graduandos investigados buscava, como profissional da educação, integrar a família para facilitar o diálogo entre pais e aluno.

Aluno D - AÇÃO PROFISSIONAL: "Tentaria conversar ao máximo com esse aluno e, até mesmo, buscava conversar com a família."

Vale remeter o exposto pelo Aluno D às noções de que a Orientação Sexual Escolar se torna efetiva com a abrangência da família, dos espaços escolares e do governo, para assim resgatar o adolescente de forma global, com alicerces no respeito e no autoconhecimento, de modo que prevaleçam a qualidade e a afetividade nas relações sociais e sexuais (BRITTOS; SANTOS; GAGLIOTTO, 2013).

Em uma perspectiva mais geral, infere-se que a formação sexual que se recebe durante o desenvolvimento dos indivíduos influencia fortemente os posicionamentos profissionais desses. Assim, repressões e omissão de informações sexuais quando advindos do processo de criação de acordo com Beiras, Tagliamento e Toneli (2005, p. 75), viabilizam práticas educacionais com um olhar pautado "em crenças, valores e preconceitos oriundos de suas trajetórias singulares e, sobretudo, inscritas em contextos culturais e históricos determinados".

Considerações finais

A partir das análises apresentadas, ressalta-se a importância do período acadêmico na construção de profissionais da educação e indica-se que as vivências na universidade devem oportunizar reflexões sobre a sexualidade humana que transponham a fundamentação teórica e priorizem a prática e a discussão que envolve essa e outras temáticas.

Verificou-se que a formação de orientadores sexuais no contexto das licenciaturas ainda se realiza alicerçada no repasse de informações técnicas, de cunho biológico, que pouco explora as interfaces crítica, subjetiva e humana.

Este trabalho propiciou aos licenciandos uma reflexão de seus processos de formação sexual, na medida em que buscou discutir suas visões pessoais, curiosidades, sentimentos e tabus relacionados à sexualidade, sem deixar de lado os conhecimentos científicos que permeiam tais temáticas. Constatou-se que as experiências intrínsecas a individualidade humana e o posicionamento profissional são interdependentes, sendo impossível separar essas duas dimensões. Embora, os futuros professores analisados tenham apresentado discernimento ético para buscar a melhor forma de orientar sexualmente seu público, ao apresentar, em casos hipotéticos, ponderações prudentes.

Apesar deste estudo se delimitar ao processo de formação de professores de Ciências, destaca-se que é defasada a concepção de que trabalhar sexualidade compete apenas a professores formados nas áreas das Ciências Naturais/Biologia, pois pouco contempla a formação universal e crítica dos estudantes. Recomenda-se que a orientação sexual deva ser trabalhada de forma transversal a fim de atender as necessidades do universo escolar.

Diante da realidade em que muitos jovens ainda apresentam dúvidas, medos e curiosidades sobre sexo e sexualidade, devido à falta de apoio familiar e às influências das relações extrafamiliares e midiáticas, segue-se acreditando que um dos caminhos mais promissores para mitigação de problemas derivados de comportamentos sexuais não saudáveis ou precoces seja a promoção de rodas de conversa mediadas por profissionais capacitados. Esses espaços de diálogo, que podem se constituir dentro ou fora da escola, devem buscar sensibilizar jovens e adolescentes no intuito de construir cidadãos críticos, autônomos e capazes de tomar decisões seguras quanto às suas práticas sexuais.

Para que isso se torne realidade nas instituições educacionais, no entanto, é necessário que os processos de formação de professores, tanto inicial quanto continuada, possibilitem vivências que busquem associar teoria e prática e estimulem a dialogicidade.

Referências

- ALTARUGIO, M. H.; DINIZ, M. L.; LOCATELLI, S. W. O debate como estratégia em aulas de química. **Química Nova na Escola**, v. 32, n. 1, p. 26-30, fev. 2010. Disponível em: http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc32_1/06-RSA-8008.pdf. Acesso em: 30 dez. 2019.
- ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, v. 21, p. 281-315, 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332003000200012>.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, PT: Edições 70, 2011.
- BEARZOTI, P. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 52, n. 1, p. 113-117, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1994000100024>.
- BEIRAS, A.; TAGLIAMENTO, G.; TONELI, M. J. F. Crenças, valores e visões: trabalhando as dificuldades relacionadas à sexualidade e gênero no contexto escolar. **Aletheia**, Canoas, v. 21, p. 69-78, jun. 2005.
- BELTRÃO, M. E.; BARROS, S. M. Gênero e Sexualidade na Formação Docente: um estudo crítico do discurso. **Raído**, v. 11, n. 25, 2017. DOI: <https://doi.org/10.30612/raido.v11i25.5078>.
- BONFIM, C. R. S. **Educação Sexual e Formação de Professores de Ciências Biológicas**: contradições, limites e possibilidades. 2009. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico - Aids e DST**. Brasília, DF, 2015.
- _____. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRITTOS, E. S.; SANTOS, A. B.; GAGLIOTTO, G. M. A Importância da Educação Sexual de Professores: o projeto no laboratório de Educação Sexual Adolescer e a intervenção necessária junto aos adolescentes no espaço escolar. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL, 3., 2013, Maringá, PR. **Anais eletrônicos...** Maringá, PR: SIES, 2013.
- CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e Infância(s)**: A sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 1999.
- CARNEIRO, R. F.; SILVA, N. C.; ALVES, T. A.; ALBUQUERQUE, D. O.; BRITO, D. C.; OLIVEIRA, L. L. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **SANARE – Revista de Políticas Públicas**, Sobral, v. 14, n. 1, p. 104-108, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/617/334>. Acesso em: 30 dez. 2019.
- COELHO, Y. C. M.; CASTRO, G. C. S.; MOURA, L. S.; VASCONCELOS, S. M. Conceitos de sexualidade: a percepção de escolares concluintes da educação básica de instituições públicas e privadas residentes em Belém, Pará. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA, 7., 2018, Belém, PA. **Anais eletrônicos...** Belém, PA: UFPA, 2018.

- COSTA, M. R. M. Currículo oculto, a formação profissional e as opressões. In: DENEM. **Trote e Currículo Oculto**: a formação médica para além do que se vê. São Paulo: DENEM, Coordenação de Cultura, 2015. p. 15-17.
- ESTEVES, A. Mídia e Sexualidade na Educação Infantil II. **Overmundo**. Salvador, BA, 10 maio 2007. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/midia-e-sexualidade-na-educacao-infantil-ii>. Acesso em: 30 dez. 2019.
- FERREIRA, M. C. A Psicologia Social contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, p. 51-64, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a05v26ns.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2019.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de Educadores Sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.
- FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007.
- JARDIM, D. P.; BRETAS, J. R. S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. **Rev. bras. Enferm.**, v. 59, n. 2, p. 157-162, mar./abr. 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672006000200007>.
- NERY, I.; FEITOSA, J. J. M.; SOUSA, Á. F. L.; FERNANDES, A. C. N. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201500048>.
- NOGUEIRA, N. S.; ZOCCA, A. R.; MUZZETI, L. R.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **Holos**, ano 32, v. 3, p. 319-327, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2016.2302>.
- NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- PEREIRA-FERREIRA, C; MEIRELLES, R. M. S. Avaliação da metodologia participativa na elaboração de um jogo: uma forma de trabalhar com a transversalidade construindo conhecimento e contribuindo para a promoção da saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 15, n. 2, p. 275-292, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4314/2879>. Acesso em: 30 dez. 2019.
- PEREIRA, M. A. B.; ROMÃO, M. S.; VITALLE, M. S. S. A primeira relação sexual de adolescentes homens. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 72-79, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v11n2a10.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2019.
- PONTES, L. C., SOUSA, W. S., OLIVEIRA, D. C., PEDREIRA, I. Q., COSTA, S. M. As implicações da gravidez na adolescência: uma revisão bibliográfica. **Revista Interdisciplinar NOVAFAPI**, Teresina, v. 5, n. 1, p. 55-60, 2012.
- RATO, M. F. A. Em Busca do Caminho. In: EGYPTO, A. C. (Org.). **Orientação Sexual na Escola**: Um projeto apaixonante. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 33-38.
- RICHT, A.; MALTEMPI, M. V. Formação Inicial Docente em Matemática: desafios e possibilidades do trabalho com projetos de tecnologias informáticas. In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 9., 2007, Águas de Lindóia, SP. **Anais eletrônicos...** Águas de Lindóia, SP: UNESP, 2007.
- ROLIM, S. R.; BIELENKI, C. R. Z.; BÉRIA, J. U.; SCHERMANN, L. B.; SANTOS, A. M. P.V.; AROSSI, G. A. Conhecimento e acesso aos programas de educação sexual e prevenção da Aids: um estudo com adolescentes escolares. **Aletheia**, Canoas v. 49, n. 2, p.110-121, jul./dez. 2016.

SCHEIBE, L. Formação de Professores: dilemas da formação inicial à distância. **Educere et Educare**, v. 1, n. 2, p. 199-212, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://e-vestibular.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/264/193>. Acesso em: 30 dez. 2019.

SILVA, L. M. M.; SANTOS, S. P. Sexualidade e Formação Docente: representações de futuros professores/as de Ciências e Biologia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 8., 2011, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: Atas ENPEC, 2011.

SPÍNDOLA, M. M. Transversalidade dentro da sala de aula do Ensino Superior. **Revista Especialize On-line IPOG**, v. 01, n. 13, p. 1-13, 2017.

UEPA. UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Naturais**. Belém, 2009.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2000.

ZOCCA, A. R.; MUZZETI, L. R.; NOGUEIRA, N. S.; RIBEIRO, P. R. M. Percepções de adolescentes sobre sexualidade e educação sexual. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 10, n. esp., p. 1463-1466, 2015.

Recebido em: 20/02/2019.

Aceito em: 23/12/2019.